

Os índios Bororo vivem na aldeia Meruri, no Leste de Mato Grosso, e ocupam uma área aproximada de 80 mil hectares, disputada a sangue e lutas, nos últimos 70 anos. É uma área situada entre os rios da Morte e Garças, nas imediações do rio Barreiro. O que resta é uma parcela menor do antigo domínio dos Bororo, que se estendia desde o Triângulo Mineiro até a fronteira com a Bolívia, alcançando regiões como Jataí, Coxim, Corumbá e Cuiabá.

As 11 h. da manhã do dia 15 de Julho de 1976 essa aldeia foi invadida por 62 fazendeiros fortemente armados, que depois de muitas provocações, assassinaram o Padre Rodolfo Lunkenbein, missionário Salesiano, de 37 anos, juntamente com o índio Simão Cristino. Outros quatro Bororo também cairam feridos inclusive uma mulher, Teresa, que foi atingida quando tentava socorrer seu filho.

Os invasores se encontravam bêbados, e reagiam a uma demarcação das terras dos índios, realizada pela Funai. O massacre só não foi maior, por não ter havido resistência dos índios, que se encontravam, em sua maioria, trabalhando nas roças.

Três meses depois, no dia 12 de outubro do mesmo ano, o Padre João Bosco Penido Burnier, Jesuíta, também foi assassinado, em Mato Grosso, só que desta vez por um soldado, no interior de uma Delegacia Policial, no vilarejo de Ribeirão Bonito.

Dom Tomás Balduino, Bispo de Goiás, e Presidente do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) afirma que esses dois episódios, ocorridos no ano passado, selaram uma aliança de sangue entre a Igreja e os oprimidos da região (índios, posseiros e peões).

Essa conversa com Umeru aconteceu na primeira quinzena de outubro passado, por ocasião da missa celebrada pelo primeiro aniversário da morte do Padre João Bosco Burnier. A cerimônia teve lugar no vilarejo onde ocorreu o episódio, Ribeirão Bonito, sendo que para o local vieram representantes de comunidades indígenas de outras regiões.

Havia muita tensão, principalmente pela presença de um grande contingente de policiais, que segundo alegaram, temiam manifestações de desordem por parte da população. Exageravam.

Umeru tem 70 anos (não sabe precisar naturalmente) e hoje se chama João Batista. Seu depoimento assume profunda importância. Primeiro porque é parte da história de um povo, de uma cultura, já agora reduzido a 350 pessoas, no máximo, quando no início deste século eles somavam milhares. Depois porque é também um libelo, uma advertência, no nível mais simples, de todo um processo de devassamento, de destruição da natureza. E mais; uma maneira simples de ver o nosso mundo, e talvez por isso tão contundente, tão arrasador. É um retrato 3x4, sem retoques, de um processo, chamado civilizatório, que insiste em não ter juízo, e que é mais dramático nos países subdesenvolvidos. (E.M.)



RITUAL DA MORTE DE UM CACIQUE BORORO

A tranquilidade de Umeru diante da iminência de sua morte é na verdade uma característica de culturas indígenas, sendo que junto aos Bororo isso se torna mais ostensivo ainda. Se um bari (xamã, feiticeiro, sacerdote, pajé) sentenciar a morte de alguém, só resta ao doente se preparar para morrer.

O bari vaticina, com antecedência de dias, às vezes, a morte do doente. A partir dessa premonição os parentes suspendem imediatamente sua alimentação. Caso não ocorra o morte no dia anunciado, o bari ou parente mais próximo se encarrega de transformar a profecia em fato consumado.

O antropólogo Karl von den Steinen conta que uma criança após permanecer 24 horas em agonia foi enforcada pelo próprio pai, cumprindo assim a profecia do bari.

Tão logo ocorra a morte e, o corpo da vítima é coberto, impedindo assim que venha a ser visto pelas mulheres e crianças. Começam então os gritos, que se

espalham por toda a aldeia. Os parentes então cortam o corpo do morto com uma concha afiada e deixam o sangue correr, em grande quantidade, sobre o cadáver.

São muitos os ritos, não só durante a agonia, como também após a morte do doente. Como parte do ritual, os Bororo fazem uma caçada, passando dois ou três dias do enterro. Um aroettawaraare (outro tipo de xamã) invoca a alma do defunto para saber onde se encontra a caça.

Segue-se um canto na casa onde ele morava, repetido até o amanhecer, quando os índios partem, enfim, para a caçada, em sua homenagem. O animal caçado é entregue aos parentes e comido por toda a aldeia.

(Estes dados foram recolhidos da Revista Atualidade Indígena, nº 3, da Funai)

Entrevista a EDILSON MARTINS

Pasquim - Seu nome?

UMERU - Em língua Bororo é Umeru. Agora, em língua civilizada é João Baptista.

Pasquim - Quantos índios vivem na aldeia Meruri?

UMERU - Não sei direito. Tem uns 350. Tem mais crianças que adultos. Muita crianças.

Pasquim - No passado vocês lutaram muito? Contra quem?

UMERU - Índio sempre lutou. A gente tá num lugar, há 70 anos, há 100 anos. Vem pessoas de ontem prá cá e quer invadir. Invadir por quê? Porque índio é pobre, índio é bom, índio não tem maldade, não tem estudo. Então quer tomar terra de índio. Então Bororo teve problemas. Muito problema. Há muitos anos.

Pasquim - Você conhece algumas cidades?

UMERU - Conheço Brasília, Goiânia, Cuiabá, Ribeirão Bonito. Faz muito tempo que conheço. Gosto muito cidade. Gosto muito.

Pasquim - Gosta de cidade?

UMERU - Gosto. Por que não?

Pasquim - Mais que aldeia Meruri?

UMERU - Sim. Mas a questão é outra. A gente da cidade também chega na aldeia, diz que aldeia é bonita, é boa, é melhor que cidade, diz que índio vive num paraíso, faz muito elogio, mas também não acostuma na aldeia. Então veja: tanto índio, como civilizado muito confuso. Civilizado mais confuso que índio. Muito mais. Índio diz que gosta de cidade, e pronto. Não pensa ficar, não. Cidade não foi feita pra índio. Cidade é pra pessoa apressada. Índio não é apressado. Então cidade não serve pra índio.

Pasquim - Quer dizer que você não pensa nunca em morar na cidade?

UMERU - Bom, índio pode não pensar. Falo assim porque índio não é só eu. Índio tá em todo o Brasil, espalhado por Brasil todo. O Brasil antes era todo de índio. Voltando: (Durante toda a entrevista percebi que Umeru nunca se perde. Eu dirigia-lhe três ou mais perguntas, ele respondia com tranquilidade, e terminava "voltando" à formulação inicial, que na minha pressa, já naturalmente esquecera) Índio pode não pensar em morar na cidade. Mas logo cidade chega na aldeia de índio. Chega cada vez mais rápido. Então índio está acabando. Índio, natureza, os peixes são acabados, matam as antas, os veados, as cotias, derrubam as árvores. Fica tudo feio. Cidade é boa e ruim. Ruim porque acaba com as árvores, acaba com os rios, acaba com a natureza. Índio não pode viver assim. Índio não pode respirar assim. Civilizado também não pode viver assim. Mas civilizado tem muita pressa e então não liga pra viver. Quem tem muita pressa não vive direito, não ver as coisas direito, não ouve direito, não ama sua mulher, seus filhos, seus irmãos direito. E civilizado vive sempre apressado. Difícil conhecer civilizado sem pressa. Muito, muito difícil.

Pasquim - Que você gosta mais na cidade?

UMERU - Bem, gosta muito cidade. Os carros andando direitinho, as pessoas andando direitinho, parando pouco pra conversar, não se falando, não olhando nada, andando linha reta. Então índio acha civilizado gozado. Muito gozado civilizado. Depois gosto da música, do rádio. Civilizado é igualzinho ao outro, mas é estranho. Difícil na cidade um falar com outro. Ora, índio quando se encontra é uma festa, muita conversa, muita alegria, pouca pressa. Bororo gosta muito música. Bororo sempre gostou de música. Mas nunca ver corpo de civilizado. Civilizado sempre com muita roupa. Não pega Sol, não sobe em árvore, não corre, não toma banho de rio, não anda de noite admirando a Lua. Isso acho ruim, muito ruim, na cidade. Bororo gosta de televisão, de rádio, de cinema. Isso Bororo gosta muito.

Pasquim - Funai tem ajudado Bororo?

UMERU - Funai? Agora...

Pasquim - Pode falar com força, sem medo.

UMERU - Bom, agora parece que vai ajudar. Antes, não. Só quem cuidava de Bororo é missionário Salesiano. Com Salesiano não tem tapeação com Bororo, ninguém engana Bororo com missionário salesiano. Alguns morreu com Bororo. Então missionário Salesiano sim, ajuda o povo Bororo. Tem Salesiano missionário que deu vida por Bororo. (Padre Rodolfo Lunkenbein assassinado por fazendeiros, no ano passado, chefiados por João Marques de Oliveira, vulgo "João Mineiro", quando defendia a terra desses índios ameaçados pela cobiça desses grupos). Quando missionário Salesiano deixa Bororo não leva nada de Bororo. Então Bororo gosta muito de Salesiano.

Pasquim - Quer dizer que missionários Salesianos são amigos do peito mesmo?

UMERU - É. Salesiano procura Bororo não para levar nada de Bororo. Mas para anunciar Evangelho de Cristo. (Uma das críticas que se faz a essa ordem, e de resto à maioria das missões com exceção das Irmãs do Padre Foucoul, na aldeia Tapirapé e da nova proposta do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) é que impõe uma rígida orientação religiosa nas tribos onde atuam. Não só pregam uma linha bem espiritualista, muitas vezes deixando de lado questões objetivas, como interferem no mundo mítico do índio, substituindo seus valores tradicionais, por uma postura cristã. Nas missões evangélicas esse problema se torna mais grave ainda. Tal denúncia pode ser verificada claramente nos índios do vale do rio Negro, no Amazonas, ou mesmo em tribos como os Bororo, em Mato Grosso).

Pasquim - Como é anunciado esse Evangelho?

UMERU - Missionário procura Bororo para anunciar Evangelho de Cristo. Isso para ter união, uma irmandade, com todos os brasileiros, civilizados, índios, pobres, brancos. Também antes índio brigava muito um contra outro. Missionário acabou com isso. Antes índio era muito perverso contra outro, de outra tribo. Então índio encontrava, brigava. Encontrava, brigava. Então muita luta, muita fuga, aldeia sendo sempre abandonada. Missionário é contra isso. Missionário quer índio tudo irmão. (A antropóloga norte-americana, Betty Meggers, em obra recente editada no Brasil, Amazônia - A Ilusão de Um Paraíso, revela, num estudo seriíssimo, que as lutas constantes entre aldeias, constituíram durante séculos uma forma permanente de nunca ameaçar o ecossistema, isto é, impedindo que a presença demorada e numerosa de uma ou mais tribos, pusesse em risco a fauna e flora locais. Por desconhecer esse mecanismo oriundo de uma sabedoria milenar, sertanistas e missionários terminam deservindo de forma desastrosa culturas que eles procuram no intuito de ajudar). Hoje tudo é irmão, não tem mais briga.

Pasquim - Padre Rodolfo morreu no Meruri?

UMERU - Padre Rodolfo morreu no Meruri. Eu não vi.

Pasquim - Você estava na hora do tiroteio?

UMERU - Tava na aldeia, mas na hora não vi. Os grileiros, os fazendeiros sempre quiseram terra de índio. Nossa luta é antiga. Luta de índio é terra, o resto é conversa fiada. Se não tomar terra de índio, índio vive feliz, com mulher, crianças, irmãos, tudo amigo.

Pasquim - E depois da morte do Padre Rodolfo? Melhorou?

UMERU - Como não? Antes se falava que índio matava padre, que índio comia padre assado, e outras mentiras. Civilizado sempre espalhou essa noti-

cia. Toda conversa de civilizado fala que índio matava padre, matava isso, matava aquilo. Então Padre Rodolfo, homem bom, alegre, brincalhão, morre ao lado de índio, defendendo índio, contra fazendeiro. Então o tempo começa a mostrar a verdade, mostrar quantas mentiras contra índio. (Fica em silêncio, olhando o Sol que começa a se pôr, lentamente, esmaecido, por trás de um riozinho que banha a cidade de Ribeirão Bonito, distante 1.300 Km de Brasília, no oeste de Mato Grosso).

Pasquim - Você tá pensando em quê?

UMERU - Índio pensa muito. Índio vive pensando. Quando índio tá pensando não deve atrapalhar índio. Difícil ver civilizado pensando. Civilizado sempre com pressa. (Pede um cafezinho, que lhe é servido com muito açúcar. Temendo acabar a fita, parei o gravador. Ele percebeu minha ansiedade e prosseguiu sem perder a calma).

UMERU - Voltando. Com morte de Padre Rodolfo, e mais outro índio, e mais três índios feridos, jornais e rádios falaram muito. Veio muita autoridade. Então melhorou. Civilizado só melhora assim, com jornal falando, rádio falando. Fora disso não adianta. Deus de civilizado é jornal e rádio. Só isso civilizado respeita. Fora disso não adianta reclamar. É perder tempo.

Pasquim - Mas Bororo tem reclamado, não?

UMERU - Não, e não. Bororo não tem contato. Bororo é muito inocente ainda. Bororo não conhece Brasília, não conhece Goiânia, não conhece Cuiabá. Então povo Bororo não sabe lidar com civilizado. Sempre falo; Bororo precisa mais contato com civilizado, conhecer mais mundo civilizado, cidade civilizado. Não adianta não gostar de cidade. Os mais velhos não gostam. Queira ou não cidade tá chegando na aldeia. Então tem que conhecer cidade antes que ela chegue.

Pasquim - Não é perigoso índio ir muito à cidade? Tem bebida, tem tapeação de civilizado...

UMERU - Bom. Maior parte índio não conhece mais idioma Bororo. Não conhece cultura Bororo. Então Bororo vai aos poucos acabando. Depois hoje tá tudo espalhado. Tem Bororo aqui, tem Bororo ali. Tá certo: dizem que é progresso. Acho que é o fim. Depois agora cada índio, cada família tem um, tem dois, tem três alqueirão de terra. Antes terra pertencia a toda aldeia. Agora terra pertence a um. Pertence a outro. Tá virando civilizado. É o fim do índio, eu penso.

Pasquim - Você então tem medo disso tudo?

UMERU - Bororo tem medo, sim. Principalmente mais velho. Progresso não pode ser feito assim com muita pressa. Depois índio só tem braço. Não dão máquina pra índio. Como querer então que índio produza igual a colono? Colono, principalmente japonês, tem máquina, tem trator, tem tudo. Gaúcho também. (São imigrantes do Sul, que chegam dispostos já de uma lavoura altamente mecanizada, se comparada com a existente na região). Depois falam que índio não quer nada, que índio não gosta de trabalhar, que índio é preguiçoso. Não. Assim não pode continuar. Toda conversa de civilizado é cheia de tapeação. História de civilizado é muito mentirosa. Índio sabe disso, mas não pode fazer nada. Índio não tem rádio, não tem jornal, não tem livro. Mas índio sabe que conversa de civilizado é cheia de tapeação. Só com braço não faz progresso.

Pasquim - Que vocês querem então?

UMERU - (Não escondendo uma certa irritação) Índio quer que civilizado deixe índio em paz. Isso seria bom.

Pasquim - E história de Bororo, você sabe?

UMERU - Sei pouquinho...

Pasquim - Bororo sofreu muito?

UMERU - Sofreu muito. Mais ainda antes de missionário chegar. Tinha luta

com brancos, muita luta, e mais luta com outros índios. Xavante atacava muitas vezes Bororo. Xavante sempre foi muito valente, e inimigo Bororo. Xavante matava Bororo, Bororo matava Xavante. Isso missionário ajudou a terminar. Fazendeiro também atacava Bororo. Era luta sempre.

Pasquim - Conta como era naquele tempo?

UMERU - Agora não tou com vontade. Não vou contar nada. (Fica novamente em silêncio. Pergunta que horas são).

UMERU - Tou muito cansado. Viajei dois dias de caminhão, pra ver missa de Padre Burnier. Tou cansado. (Pede um espelho para retocar as pinturas do seu rosto. Mostra-se atento ao ruído da máquina toda vez que é disparada uma foto).

Pasquim - Essas viagens que você faz, você conta na aldeia?

UMERU - Conto. Conto tudo. Índio é muito curioso. Você vai mandar foto pra mim?

Pasquim - Não sei. Não gosto de prometer. Se for possível, mando. Pelo menos se sair em algum jornal eu mando pra aldeia, conforme fiz com o Mário Juruna, índio Xavante que você também conhece.

UMERU - Gosto muito de fotografia. Voltando: Brasil já está cheio de cidade. Tem cidade demais. Brasília é muito grande. Então Governo devia parar que tudo virasse cidade. Não ficar uma coisa só. Tá certo que aldeia não pode mais. Mas também por que não deixar as duas coisas? Aldeia e cidade. Quando tiver cansado um, vai ao outro. Já acontece isso. Sempre tem civilizado no meio de índio, na aldeia. Sempre tem índio, agora, na cidade. Pode ir a Brasília, a Goiânia, a Cuiabá que termina encontrando algum índio.

Pasquim - Há ainda bichos na reserva de Bororo? Veado, anta, paca, anta?

UMERU - Não tem mais. Antigamente tinha muito. Fazendeiro, colono, e também índio acabou tudo. Uma pena. Índio fica muito tempo no mesmo lugar termina acabando com tudo. Antes índio não parava muito tempo no mesmo lugar. Então Bororo se mudava todos os anos, de um canto pra outro. Então terra nunca cansava, os bichos nunca acabavam, as árvores nunca eram derrubadas todas. Agora índio tem que ficar no mesmo lugar. E no mesmo lugar fazendeiro ainda quer invadir. Isso tem acontecido muitas vezes. Padre Rodolfo morreu por isso. Porque tavam invadindo último pedaço de terra de Bororo. Assim não pode. É ser muito mal com índio. Bororo não merece isso.

Pasquim - Bororo vive agora de quê?

UMERU - Bororo antes vivia de caça e pesca. Então não parava muito em lugar nenhum. Agora isso acabou. Bororo tem contato com outra alimentação. Depois Bororo não pode mais caçar, porque acabou todos os bichos. Capivara ainda encontra. Então Bororo quer viver como branco, quer ter caminhão, quer ter rádio, quer ter trator. Mas isso não dão pra Bororo. Falam em progresso pra invadir terra de índio, mas não dão progresso pra índio. Então índio acha tudo isso mais uma tapeação de civilizado.

Pasquim - E difícil, não?

UMERU - Eu quero um rádio, pequeno. Mas aonde tenho capacidade? Não tenho. Então fico triste.

Pasquim - Você acha um rádio importante?

UMERU - Importante, não. Tou velho. Rádio é bom.

Pasquim - Como é a aldeia, nos dias de hoje?

UMERU - Ah, muita festa, muita dança. Índio é muito alegre. Mas índio trabalha muito também. Tem muita roça pra índio cuidar. Índio não vive mais de caça e pesca, então tem que plantar.

Pasquim - Por que você vive repetindo que civilizado tem muita pressa?

(Chegam dois índios Bororo, jovens e fortes, que o convidam para se retirar, devido à partida do caminhão. Eu me apresento, explico minha condição de repórter, e eles então ficam aguardando, sem largar os olhos de mim, a partir desse momento).

UMERU - Civilizado é muito nervoso, não é tranquilo, não vê nada, não ouve muito. Por que civilizado derruba as árvores pra não usar? Por que civilizado joga bomba nos rios pra matar peixe? Por que civilizado mata as fêmeas prenas? Voltando: agora Bororo tem que cuidar de roça. A roça é a mãe de Bororo. Antes os bichos eram os pais do índio. Tem que ter muito respeito pela natureza.

Pasquim - Você tá feliz de ter participado da reunião aqui com D. Pedro Casaldáliga?

UMERU - Pedro é muito conhecido na aldeia Meruri. Vou contar tudo. Índio gosta muito de ouvir, conversar. Pena que não tenha foto pra mostrar. Você não manda foto pra aldeia Meruri? Por que você não manda? Muito dinheiro? Você é rico...

Pasquim - Não quero prometer. Não sou rico. Não acho bom prometer e depois você ficar esperando, e nada.

UMERU - Certo. Muito certo. Devia ser sempre assim. Só dizer, quando pudesse fazer. Tou pedindo, tou insistindo, mas não deve ser assim. Basta falar de uma vez, e pronto. Passa na estrada um soldado da PM de Mato Grosso. Ele olha e diz que não gosta de soldado.

Pasquim - Das cidades que você conheceu - Brasília, Cuiabá, Goiânia, Barra do Garça - qual você gostou mais?

UMERU - Ah, tudo é a mesma coisa. Mesma coisa. Cidade tudo igual. Sem diferença.

Pasquim - Por que tudo igual?

UMERU - Ah, porque sempre aqueles carros, aqueles aviões, e a gente com pressa, sempre a mesma coisa. Umas mais, outras menos. Acho bonito cidade, mas não precisa conhecer mais de uma. Tudo igual. Fico encantado de ver a cidade desse jeito. (Ri comedidamente. Não sei se ele está ironizando, ou se exprimindo com sinceridade. Penso em esclarecer, mas logo desisto dado sua dignidade imperturbável).

UMERU - Também tenho prazer de ver uma vila dessa assim tão adiantada. (Ribeirão Bonito tem uma população de 800 habitantes. Não há cinema, não há hospital, não há nenhum aparelho de TV, não há médico, e não há nem mesmo padre morando no vilarejo. As únicas visitas são os motoristas de caminhão que transportam bois para outras localidades, principalmente Barra do Garça e Cuiabá).

UMERU - Queria um óculos. Não tou mais vendo direito.

Pasquim - Isso parece ser catarata nos seus olhos.

UMERU - Preciso de óculos. Falei pros companheiros na aldeia; já estou me despedindo do mundo. (Novo silêncio). Já tou enxergando pouco, já tou escutando pouco, já tou andando pouco, já tou correndo pouco, então minha hora é chegada. Já não sinto mais o sabor direito da comida. Então porque continuar? Não. Bororo sabe morrer. Civilizado é que não sabe morrer. (Darci Ribeiro conta que numa visita que o General Rondon fez à aldeia Bororo, já muito velho, o índio Catete, capitão da aldeia, convidou-o para ir morrer junto a eles. "Venha morrer aqui com a gente. Vocês civilizados não sabem enterrar seus mortos")

Pasquim - Você não fica com medo?

UMERU - Não é assim. Isso quer dizer que tou morrendo, estou me despedindo. Tou vendo que vou morrer, por que ter medo? Agora eu evito morrer. Agora, quando chegar, não adianta reclamar, não.

Pasquim - Então será bem-vindo, não? (risos) Entre nós civilizados há quem diga que o nosso pavor da morte é porque a gente não viveu, ou não sabe viver, direito.

Pasquim - Casado, você Umeru?

UMERU - Casado, tenho filhos, muitos netos. Tenhos muitos filhos, mas muitos morreram também. Já casei duas vezes. A primeira mulher tive sete filhos. Ficou só dois. Dois homens. Segunda mulher tive cinco filhos, mas também ficou só duas meninas. Uma tem 15, outra 12 anos. Elas queriam vir comigo. Não pode. Elas têm esperança que eu leve alguma coisa pra elas. Não vou levar nada. Uma pena. Eu nunca tenho dinheiro, então não posso levar nada pra elas. Elas ficam tristes. Eu também. (Fica novamente mudo).

Pasquim - Quando volta à sua aldeia?

UMERU - (Não responde, nem parece ouvir). - Preciso de óculos, pra ficar com a vista firme. Depois quero ver o Sol deitar. Como estou não vejo direito. É muito bonito ver o reflexo do Sol, anoitecendo, ou quando o dia amanhece. Tou quase cego e já não enxergo direito. Então fecho os olhos e vejo tudo como antigamente. Igualzinho quando era jovem, cheio de vida, via tudo, atirava muito bem. Agora é a vez dos outros. Não devo ficar assim com cara de chorona.

Pasquim - Então é isso mesmo...

UMERU - Tem razão. Tou velho. Não posso reclamar, já vivi muito. A gente fala que tem 70 anos, mas talvez tenha mais, como vai saber direito? A vista tá fraca. Agora já não posso caçar, pescar, não posso mais trabalhar na roça. Trabalho hoje, mas amanhã tou todo doendo.

Pasquim - Então é um aviso?

UMERU - Cansaço é peso dos anos. Peso da vida...



Umeru e um amigo: Dom Pedro Casaldáliga